

INFÂNCIAS EM ESPAÇOS AFRODIASPÓRICOS DE TERREIRO: O QUE A PESQUISA TEM NOS ENSINADO?

ALINE MUNHOZ REDU¹; MARINA XAVIER DA SILVA OSORIO²; RITA DE CASSIA TAVARES MEDEIROS³

¹Universidade Federal de Pelotas – alineredu79@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – xavierdasilvamarina1@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é oriundo do projeto unificado “Culturas Infantis de Terreiro: experiências e narrativas de crianças pequenas vivenciadoras de tradições de matriz africana”, está inserido na grande área das Ciências Humanas, com interfaces no campo da educação e da saúde, e compõe as atividades do “Núcleo de Estudos e Pesquisas *E’LÉÉKÔ*: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, e ao Curso de Pedagogia da UFPEL. É realizado em parceria com a Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO), por meio do projeto “Primeira Infância no Centro: Enfrentamento do racismo como garantia do pleno desenvolvimento infantil”, coordenado pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra, em parceria com *Porticus Latin America* Instituição que atua no enfrentamento às desigualdades e no apoio de grupos vulnerabilizados na América Latina. (ALVES & MEDEIROS 2022).

Há outros subprojetos que são desenvolvidos em parceria: (1) com a RENAFO e outras organizações da sociedade civil; (2) com profissionais de outros cursos da universidade e de outras instituições e/ou centros de pesquisa; (3) com estudantes de graduação e pós-graduação. (4) com lideranças de terreiro e das comunidades envolvidas. Esses subprojetos são articulados com o projeto maior do ponto de vista teórico e metodológico. Ele se justifica pela necessidade de problematizações, reflexões e produções teórico-práticas tendo como centralidade crianças de terreiro, pretas e periféricas; a insurgência de epistemologia e metodologias pretas no campo dos estudos sobre primeira infância; a enunciação de uma cultura infantil de terreiro; e a compreensão sobre os efeitos do racismo.

2. METODOLOGIA

A metodologia do projeto é a gira-mapa que constitui uma renovação metodológica no âmbito da pesquisa, fundamentada na compreensão afrodiaspórica das infâncias e das crianças (ALVES et al., 2022). Essa abordagem teórico-metodológica articula-se aos conceitos de afrografia e oralitura elaborados por Martins (2003), para quem a concepção ocidental de tempo é intrinsecamente colonial, pautada por estruturas hierárquicas e pela centralidade da escrita como única forma legítima de produção do conhecimento. Tal perspectiva acarreta a inferiorização da oralidade e das múltiplas expressões de afrografia presentes nos corpos diaspóricos. No contexto da pesquisa com crianças pequenas, a gira-mapa incorpora o pensamento de Martins (2003), ao reconhecer que, nos terreiros, os gestos, os sons, as cores, os cheiros, os sabores e os olhares constituem formas

legítimas de afro escritas infantis, revelando epistemologias que resistiram e resistem às normativas coloniais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de pesquisa, em um primeiro momento, buscou mapear as crianças vivenciadoras da cultura de Terreiro, pela ótica da saúde, educação e assistência social. Nos voltamos às histórias orais existentes nos Terreiros e nas histórias das infâncias das líderes das oito casas de religião de matrizes africanas que participam da pesquisa.

Líderes de religião de matrizes africanas e suas respectivas casas

Liderança	Localização
Bàbálórìṣàṣ Baba Diba de Iyemonja	Ilê Ase YEMONJA Omiolodô -Porto Alegre/RS
Cacica Amarolina Fagundes Soares (tia Maruca)	Centro Espírita Umbandista Pai Miguel de Aruanda - Pelotas/RS
Cacica Istelamar Pereira Amaro (Mãe Telinha)	Centro de Umbanda Caboclo João das Matas - Pelotas/RS
Mãe Nilce de Iansã (IYá Egbe)	ILÊ OMOLUOXUM - Sao João de Meriti/RJ
Ìyálórìṣàṣ Ana de Iyemonja	Reino de Yemanjá - Pelotas/RS
Ìyálórìṣàṣ Fátima de Oxossi	Casa de Axé dos Filhos do Caçador da Floresta -Cabo Frio/RJ
Ìyálórìṣàṣ Flávia de Oyá	Ilê Asé Aloyá Ifokàrán - Rio Grande/RS
Ìyálórìṣàṣ Nara de Xapanã	Centro Africano Pai Xapanã - Pelotas/RS

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa.

As histórias de iniciação e de infâncias como vivenciadoras das culturas infantis de Terreiro estão presentes no livro da pesquisa Culturas infantis de Terreiro: agenciamento de memórias e narrativas, dentre eles a narrativa da Mãe Nilce de Iansã:

Na infância, uma menina de Yánsàn. Tudo que sei sobre minha tradição de matriz africana aprendi através da oralidade desde a infância, desde a mais tenra idade, pois as mais velhas se sentavam com as crianças para repassar seus saberes, conhecimentos, práticas e valores. Entre bacias, canecas, roupas engomadas, histórias, danças e toques de atabaques, sempre fui uma criança de Candomblé. Lembro de um primo que criava atabaques com latas, papéis de sacos de cimento e goma feita no terreiro para embelezar as roupas. Com o instrumento criado, tínhamos a garantia do siré de Candomblé por nós inventado. (ALVES & MEDEIROS 2022, p. 59)

As crianças vivenciadoras da cultura de Terreiro tem forte ligação com a arte, participando dos ritos, toques, cantos e danças com naturalidade e respeito. Desde cedo, aprendem o valor da ancestralidade, da espiritualidade e da coletividade, desenvolvendo uma forte conexão com sua identidade cultural e religiosa. No

terreiro, a arte se manifesta de forma viva e cotidiana: os batuques, as danças para os orixás, os cantos que são poesia. Essa vivência permite que a criança crie, sinta e comunique a partir da sua experiência nos terreiros. A valorização da forma existir dessas crianças, e da sua cultura promovem o combate ao racismo, à intolerância religiosa, além de incentivar uma educação antirracista, inclusiva e sensível às múltiplas formas de saber, ser e criar.

E naquele lugar sagrado aquelas falas emergiram, local seguro para falar sem temer. Mas em seguida naquele mesmo lugar surgiram falas sobre os projetos para o futuro, e a chegada da primeira criança daquela noite no terreiro, com sua saia rodada amarelo ouro. A sua chegada sintetiza o poder de cura do Terreiro, aparenta ter uns 3 anos, vai até o Congá e faz a saudação, tal qual sua mãe. Em seguida a mãe fica na corrente e a menina começa a sua performance sozinha, gira sem parar, vai até a porta fazer saudação com um joelho no chão, atenta aos cantos muda seus gestos de acordo com o ponto. (Diário de campo, 16 de abril de 2024.)

4. CONCLUSÃO

O projeto Culturas infantis de terreiro: experiências e narrativas de crianças pequenas vivenciadoras de tradições de matriz africana evidencia potência das infâncias negras em seus territórios sagrados e comunitários, reafirmando o terreiro como espaço de aprendizado, acolhimento, arte, espiritualidade e resistência. As ações desenvolvidas desde os reforços escolares e atividades artísticas até a costura e a participação em espaços culturais ampliados mostram que a educação antirracista se concretiza quando reconhece e valoriza saberes ancestrais, expressões culturais e modos de existência historicamente silenciados.

Ao trazer para o centro da reflexão a oralidade, os gestos, os cantos, as cores e as narrativas que constituem a experiência infantil nos terreiros, o projeto não apenas denuncia o racismo e a intolerância religiosa, mas também constrói epistemologias vivas que afirmam suas existências. Assim, contribui para o enfrentamento da violência racista, para o fortalecimento da autonomia das mulheres e para a ampliação dos horizontes das crianças, que se reconhecem como sujeitos plenos de saberes, memórias e possibilidades.

Nesse sentido, este trabalho se apresenta como uma prática decolonial e insurgente, que reconhece a ancestralidade na vida cotidiana e lúdica das crianças e aponta caminhos para a construção de uma educação sensível, plural e comprometida com as infâncias marginalizadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C. **Desde Dentro**: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. Porto Alegre, 2012. 306 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ALVES, M. C; MEDEIROS, R. (org.) **Culturas Infantis de Terreiro:** agenciando memórias, histórias e narrativas. Porto Alegre: Rede Unida, 2022.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória, **Letras**, Belo Horizonte, 2003, (26), 63- 81.

NOGUERA, R.; ALVES, L. P. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 48, p. 533 - 554, 2020.